

## CÍCERO E AS CARTAS SOBRE A GUERRA CIVIL

*Paulo Roberto Souza da Silva* (UFRJ e UFJ)  
[paulolettras1@gmail.com](mailto:paulolettras1@gmail.com)

### RESUMO

Cícero deixou uma vastíssima produção em prosa e suas cartas são um exemplo de sua versatilidade no uso da língua. Conjugando política e eloquência, Cícero propôs um projeto linguístico-literário, que visava o esclarecimento e a elevação de sua comunidade, reforçando ideais conservadores e formando uma elite valorosa e educada. O contexto da Guerra Civil entre Pompeu e César trouxe inúmeras perturbações à elite senatorial, e Cícero não ficou imune. Desta forma, suas cartas desse período nos dão a oportunidade de ver como a língua fora usada para expressar as contradições, angústias e decisões problemáticas que marcaram o fim da república em Roma. Três aspectos são explorados nesse artigo: a situação da carta, dentre os gêneros retórico, a narrativa histórica presente nos relatos e os comportamentos alocutivo e elocutivo que caracterizam o modo enunciativo do discurso.

**Palavras-chave:** Cícero. Epistolografia. Guerra Civil.

### ABSTRACT

Cicero left a vast prose production and his letters are an example of his versatility in the use of language. Combining politics and eloquence, Cicero proposed a linguistic-literary project aimed at enlightening and raising his community, reinforcing conservative ideals and forming a valued and educated elite. The context of the Civil War between Pompey and Caesar brought numerous disturbances to the senatorial elite and Cicero was not immune. In this way, his letters from this period give us the opportunity to see how language was used to express the contradictions, anxieties, and problematic decisions that marked the end of the republic in Rome. Three aspects are explored in this article: the situation of the letter, among the rhetorical genres, the historical narrative present in the reports and the alocutive and elocutive behaviors that characterize the enunciative mode of discourse.

**Keyword:** Cicero. Epistolography. Civil War.

### 1. Introdução

Cícero foi um criador de gêneros textuais na língua latina. Faz parte de uma geração que tinha como proposta criar, em latim, uma literatura comparável à grega. Horácio, em uma das suas mais famosas odes, diz que será imortal por causa dos seus poemas, que, enquanto os costumes romanos – leia-se: a língua latina – perdurassem, ele “não morreria de todo”, sua imortalidade se dava por ter trazido “os metros gregos para

os versos latinos”.

As escolhas literárias, filosóficas e políticas de Horácio são condicionadas pelas escolhas e feitos da geração de Cícero. Formam-se dois momentos no latim clássico, a época de Cícero e a época de Augusto. É comum que se associem o auge da prosa com o fim da República e o auge da poesia com o início do Principado. O latim clássico aparece, então, como fenômeno estético, histórico e político.

Cícero é o exemplo mais concentrado desse projeto literário, organizado, sistemático e fartamente descrito em suas obras. Essas obras deixam patente a associação que faz entre língua e mentalidade na definição de pátria e nação. Sua leitura eclética e oportunista da literatura grega exemplifica, na língua e na literatura, o momento de absorção da cultura grega pela romana e a proposta de um Estado cosmopolita conduzida por valores romanos como *fides*, *uirtus*, *humanitas* etc. O gênero epistolar, em Cícero, traz elementos de sua tentativa de trazer conceitos do grego para o latim. Em sua carreira, são vários estilos desenvolvidos, da carta familiar à epístola filosófica.

Talvez nenhum gênero textual exemplifique melhor o desejo de vencer o tempo – e o espaço – por meio da escrita. Do ponto de vista do ato de linguagem, a carta representa a consciência do homem a cerca de seu local, no tempo e no espaço, e da sua capacidade de humanizar esse mesmo tempo e espaço por meio da narrativa. Do ponto de vista da poética clássica, essas cartas representam o encontro mimético entre o mundo e a língua, unidos pela criação do autor. Do ponto de vista histórico, a carta levanta dados sobre o lugar do sujeito no seu contexto.

Para explorar esses elementos da correspondência de Cícero, nos concentramos em algumas cartas do fim do mês de janeiro e início de fevereiro de 49 a.C. Um recorte bem curto do seu movimento, de Roma para a Campânia, onde iniciaria intensa atividade epistolar, com centenas de cartas durante os meses seguintes. Para situação histórica das cartas, fazemos um contraste com a obra *Bellum Ciuile*, de César – obra que se contamina também pelo gênero epistolar.

## **2. *me scribe vel quod in buccam venerit* (escreva-me, o que quer que te venha à cabeça)**

A espontaneidade, a coloquialidade e a simplicidade são elemen-

tos comumente citados para descrever a literatura epistolar de Cícero. Num contexto de formação deste gênero, suas cartas são comparadas com as de autores como Sêneca e Plínio. A carta filosófica e o tratado em forma de epístola são tradições literárias trazidas da língua grega e podem ser facilmente distintas da correspondência propriamente dita. Mesmo tratando dessa correspondência, podemos encontrar diferenças estilísticas entre as cartas a Ático e as cartas a familiares.

No imaginário da literatura latina, a correspondência de Cícero exemplifica o chamado *genus humile* de expressão – de acordo com a teoria dos três gêneros. Essas cartas permitem, então, que se conheça o autor, para além dos gêneros mais elevados que ele procura apresentar em suas obras de oratória e filosofia. René Martin e Jacques Galliard (1990, p. 458) chamam atenção, ainda, para mais uma característica dessa correspondência: a produção diária de relatos. Dizem: “*l’orateur s’révèle à coup sûr comme un journaliste talentueux: ce n’est pas le moindre de ses mérites littéraires*” (o orador certamente se revela um jornalista talentoso: esse não é o menor de seus méritos literários). Cícero insiste que se lhe informe dos mais recentes acontecimentos. Em sua viagem ele cita diversas vezes que, somente pela correspondência, ele pode decidir e agir politicamente. A correspondência se mostra um campo privilegiado para entender o projeto linguístico de Cícero e seu entendimento sobre o poder da palavra escrita.

Carlos Levy, ao tratar do itinerário retórico de Cícero, chama atenção para seus manuais de retórica, em que se desenha a tese da importância da eloquência para o processo civilizatório, entendido como a vitória do debate sobre a guerra. Este projeto de esclarecimento está presente em vários escritos de Cícero, tanto teóricos como discursos. A famosa citação “*cedant arma togae*” traz uma visão de civilização definida pelos seus modos e leis, em oposição à barbárie violenta. Falar então sobre espontaneidade em seu discurso nos faz questionar a construção artística e disciplinada da espontaneidade. Se, por um lado, o *ornatus*, é associado à *grauitas* do discurso, por outro lado a *simplicitas* não surge como elemento espontâneo, mas uma meta para todo orador. A carta, por sua cena genérica e por seus objetivos discursivos, precisa primar pela *simplicitas*, efetivamente, temos a discursivização da tentativa do autor de registrar seus pensamentos “*quod in buccam uenerit*” (tais como lhes vêm à mente).

Na perspectiva do século XXI, a ideia de uma escrita automática

traz consigo várias questões que apontam as contradições fundamentais da formação social da mente e do ato de linguagem. Lembramos do *stream of consciousness*, estilo de narrativa que faz referência a cartas e diários. Em Cícero, a reflexão por meio da escrita e o debate por meio de cartas traem um intelectualismo que evidencia sua filiação ao pensamento grego, tal como era difundido no helenismo. As citações gregas, mesmo nas passagens mais coloquiais e emocionadas das cartas, nos descrevem uma comunidade greco-latina de autores e leitores que havia se instalado na elite romana e que se patenteia não apenas nas cartas escritas por Cícero, mas nas que ele recebera de remetentes diversos.

A expressão epistolar persegue a *simplicitas* por meio da disciplina. O que seria espontaneidade se manifesta como *suavitas*, um construto retórico que aproxima e familiariza o autor, visando, em última instância, a *captatio benevolentiae*. Se parece estranho, ao estudioso, que Cícero busque benevolência em cartas escritas a seu fiel amigo e confidente, é preciso refletir, como acreditava ele que a eloquência era o caminho para o entendimento entre os homens.

Levy parte de uma análise da citação:

*Ac mihi quidem hoc nec tacita videtur nec inops dicendi sapientia perficere potuisse, ut homines a consuetudine subito converteret et ad diversas rationes vitae traduceret.* (Cic. De Inuent. I, 3)

(E a mim não parece que nenhuma sabedoria tácida e desprovida de eloquência pudesse conseguir que os homens se convertessem subitamente de seu costume e os levasse às diversas razões da vida.)

Para configurar a noção de palavra civilizadora, na eloquência de Cícero. Avançando, no mesmo texto, Cícero continua:

*Age vero urbibus constitutis, ut fidem colere et iustitiam retinere discerent et aliis parere sua voluntate consuescerent ac non modo labores excipiendos communis commodi causa, sed etiam vitam amittendam existimarent, qui tandem fieri potuit, nisi homines ea, quae ratione invenissent, eloquentia persuadere potuissent?* (Id., ib.)

(Além disso, depois que as cidades foram estabelecidas, como os homens poderiam ter sido induzidos a aprender a cultivar a fidelidade e a manter a justiça, a se acostumar a obedecer aos outros e a estimar não apenas grandes trabalhos, mas também entregar a própria vida em nome do bem comum? O que então poderia ser feito, se alguns homens não pudessem persuadir pela eloquência o que pela razão descobrissem?)

Este elogio da eloquência, em uma das primeiras obras do Arpinate, marca um frequente motivo em sua obra filosófica e política: o pro-

gresso dos homens e das cidades por meio da razão e do entendimento. A sua posição conservadora remete às conquistas civilizatórias do Estado Romano, sob a orientação dos aristocratas. Ora, a aristocracia, durante a República Romana, era sustentada pela ideologia da *dignitas*. Tal só poderia ser conseguida por feitos militares ou civis, para as quais se conjugavam as capacidades marciais e a eloquência. Fruto de uma geração de déspotas e conflitos civis, Cícero quer se colocar a serviço da eloquência, elevando-a como fundamento da civilização.

Nesse contexto, que espontaneidade poderia se encontrar nas obras de Cícero, especialmente nas cartas escritas durante o período incerto da Guerra Civil? Tornemos à comparação de Cícero com um jornalista. Fato e opinião são constantemente temas de suas cartas. Podemos, então, encontrar o mérito literário em se tratando do gênero epistolar, ao analisar o funcionamento da máquina retórica de produzir entendimento e convencimento. Observemos o excerto:

*Gnaeus noster quid consili ceperit capiatue nescio, adhuc in oppidis coartatus et stupens. omnes, si in Italia consistat, erimus una; sin cedet, consili res est. adhuc certe, nisi ego insanio, stulte omnia et incaute. tu, quaeso, crebro ad me scribe uel quod in buccam uenerit.* (Cic. ad. Att. VII, 10)

(Quanto ao nosso Cneu, que decisão tomara ou possa tomar não sei. Até agora se encontra nas praças fortes, guardado e inativo. Se ele se mantiver na Itália, todos nós estaremos juntos: se ele se ceder, será necessário tomar uma decisão. Até agora, certamente, a menos que eu tenha perdido o juízo, tudo se faz sem inteligência nem cautela. A ti peço, por favor, que me escreva frequentemente, o que quer que te venha à cabeça.)

Chamamos atenção aqui para o processo de formação da opinião. Primeiramente, temos a assunção de que não estamos loucos – “*nisi ego insanio*”; em segundo lugar temos a enumeração dos acontecimentos e; por último, a formação de hipóteses. Esse processo lógico faz referência aos fundamentos da retórica aristotélica que Cícero tão bem conhecia. O mais importante, para este trabalho, é perceber como pelas regras da eloquência, os acontecimentos se tornam argumentos, e por fim a tomada de decisão particular se dá da mesma maneira que a persuasão do auditório.

Entendemos que Cícero via a eloquência não apenas como forma do discurso, mas também do pensamento. Que aparece, em suas cartas, como um diálogo interno; no qual a consciência pesa os acontecimentos, como argumentos, e toma sua decisão, como juiz da própria ação. Este parece ser o modelo de vida civilizada que Cícero ata ao desenvolvimento da eloquência.

3. *quaeso, quid est hoc? aut quid agitur? (pergunta: o que é isto? ou o que se passa?)*

Ao se tratar da atuação de Cícero durante a Guerra Civil, frequentemente se remete à hesitação e a incoerência. Estes elementos saltam aos olhos em suas cartas, principalmente quando se avalia e compara seus julgamentos a cerca de Pompeu e César. Carcopino tece uma severa crítica, citada por René Martin e Jacques Galliard (1990):

Les lettres, après avoir mis à nu, chez Cicéron, le bom avocat des mauvaises causes, l'homme d'affaires cupide, le mauvais mari et le père égoïste, après avoir anéanti une à une ses prétentions d'homme d'État, viennent barrer la route à toutes les tentatives de réhabilitation. (MARTIN; GALLIARD, 1990, p. 456)

(As cartas, depois de terem revelado, em Cícero, o bom advogado das causas más, o homem de negócios ganancioso, o mau marido e pai egoísta, depois de haverem aniquilado uma a uma suas pretensões de homem de Estado, vem impedir todas as tentativas de reabilitação.)

A hesitação de Cícero parece causada pela falta de entendimento das forças em curso no início do conflito e, particularmente, seu esforço em compreender as intenções e ações futuras de Pompeu e César. Observemos os excertos descritivos na décima primeira carta do livro VII das cartas a Ático:

Sobre César:

*quaeso, quid est hoc? aut quid agitur? mihi enim tenebrae sunt. 'Cingulum' inquit 'nos tenemus, Anconem amisimus; Labienus discessit a Caesare.' utrum de imperatore populi Romani an de Hannibale loquimur? O hominem amentem et miserum qui ne umbram quidem unquam tu kalou viderit! atque haec ait omnia facere se dignitatis causa. ubi est autem dignitas nisi ubi honestas? (Cic. ad. Att. VII, 11, 1)*

(Pergunto: o que é isto? ou o que se passa? Eu, de fato, me encontro na escuridão. Dizem “mantivemos Cingulo, mas perdemos Ancona; Labieno abandonou César”. Estamos falando de um imperador do povo romano ou de Aníbal? Ó homem descerebrado e miserável que não visse nem mesmo a sombra à sua direita! E ainda diz fazer tudo isso por causa da sua dignidade. Onde há dignidade se não houver honra?)

É importante, para esta consideração, observar a força de palavras como *dignitas* e *honestas*, que traduzimos como dignidade e honra. O período do fim da República levou a sérios debates a certa dos tradicionais

valores romanos e Cícero se colocou em posição de renovar e redefinir o *mos maiorum*, associando-os aos valores filosóficos que cotejava dos gregos. Este excerto é comumente evocado para citar o *casus belli* de César: a defesa de sua *dignitas*. Em *Bellum Ciuile*, ele procura demonstrar, no decorrer das campanhas, como seus valores são legítimos da defesa do povo romano – *salus Populi Romani* – ao mesmo tempo descreve todas as ações indignas e desonestas dos partidários de Pompeu. Lembra-mos que Salústio, que participou do comando de César, compõe suas monografias com o intento de contar a história da decadência dos valores romanos.

Cícero traz, então, para seu campo de debate filosófico as ações dos generais, sem conter os adjetivos e os julgamentos pesados às suas ações. Não obstante, as reprovações do antigo cônsul parecem ter cada vez menos peso nas decisões da elite romana. No decorrer das cartas vemos sua tentativa de se manter relevante concomitante com sua indecisão e falta de compreensão do processo político-militar em que estava inserido.

#### Sobre Pompeu:

*Redeamus ad nostrum. per fortunas! quale tibi consilium Pompei videtur? hoc quaero quod urbem reliquerit. ego enim aporó. tum nihil absurdius. urbem tu relinquis? ergo idem, si Galli venirent? 'non est' inquit 'in parietibus res publica.' at in aris et fociis.* (Cic. ad. Att. VII, 11. 3)

(Voltemos ao nosso. Pela Fortuna! Qual te parece ser a decisão de Pompeu? Pergunto a de deixar a Cidade. Eu, de fato, fico perplexo. Tu, então, encontras algo mais absurdo do que deixar a Cidade? Eu da mesma forma. Se os gauleses viessem? Ele diz 'a república não está em paredes, mas em altares e lares'.)

A absurda decisão de Pompeu em deixar a Cidade acontece poucos dias depois do próprio Cícero deixá-la, após um “*subito consilium*” (decisão súbita). Às pressas, antes do amanhecer e deixando lá esposa e filha. A referência aos gauleses evoca a invasão de Roma em 390 a.C. (364 AUC), durante a qual a Cidade foi abandonada e retomada por Camilo, chamado assim “segundo fundador de Roma”. Nas frases seguintes, faz a referência a Temístocles e Péricles, durante as Guerras Médicas. A comparação da história grega com a história romana era uma forma de Cícero elevar e glorificar aqueles momentos pouco descritos do início da República Romana. As citações gregas – aqui sublinhadas nos textos – são abundantes em suas cartas e demonstram a familiaridade com esta língua entre os aristocratas romanos. Não nos parece que Cícero

tenha querido exibir sua erudição para Ático, do contrário, que a língua e literatura grega eram lugar comum entre os romanos cultos.

O severo julgamento de Cícero não é seguido de uma ação assertiva. Suas cartas do ano 49 a.C. são abundantes a partir do mês de fevereiro, elas nos mostram sua frenética indecisão e as controversas acomodações que faz para estar em bons termos com um e com o outro, ainda que desprezando ambos. César, no *Bellum Ciuile* (I, 9ss), faz referência à tentativa de acordo com Pompeu em fins de janeiro, quando este estava em Cápua. Cícero narra, de seu ponto de vista, a chegada dos cônsules e as considerações a respeito da tentativa de acordo.

in disputationibus nostris summa varietas est. plerique negant Caesarem in condicione mansurum postulataque haec ab eo interposita esse quo minus quod opus esset ad bellum a nobis pararetur. ego autem eum puto facturum ut praesidia deducat. vicerit enim, si consul factus erit, et minore scelere vicerit quam quo ingressus est. (Cic. ad. Att. VII, 15. 3)

(Há grande variedade em nossos debates. Muitos negam que César tenha condições de manter o que foi proposto e por ele e sugerem que este trabalho se deu para que nós não nos preparássemos para a guerra. Eu, de fato, acredito que ele o fará, que vai renunciar às tropas. Vencerá assim, se for feito cônsul, e com um crime menor do que da primeira vez.)

César e Cícero descrevem os termos do acordo, mas o primeiro ressalta que Pompeu e os cônsules não interromperiam o recrutamento e se manteriam na Itália. César recusa esses termos e segue ocupando as cidades no Piceno. Cícero relata as promessas de Pompeu:

Qui quidem ad me scribit paucis diebus se firmum exercitum habiturum spemque adfert, si in Picenum agrum ipse venerit, nos Romam redituros esse. (Cic. ad. Att. VII, 16. 2)

(Ele (Pompeu) escreveu a mim que em poucos dias terá o exército firme e que tivesse esperança, se ele chegar aos campos do Piceno, nós retornaremos a Roma.)

Em relação a César, Cícero comenta, em carta datada de 2 de fevereiro:

scire iam te oportet L. Caesar quae responsa referat a Pompeio, quas ab eodem ad Caesarem ferat litteras. scriptae enim et datae ita sunt ut proponerentur in publico. in quo accusavi mecum ipse Pompeium qui, cum scriptor luculentus esset, tantas res atque eas quae in omnium manus venturae essent Sestio nostro scribendas dederit. itaque nihil umquam legi scriptum sestiodesteron. perspici tamen ex litteris Pompei potest nihil Caesari negari omniaque ei cumulate quae postulet dari. quae ille amentissimus fuerit nisi acceperit, praesertim cum impudentissime postulaverit. quis enim tu es qui dicas, 'si in Hispaniam profectus erit, si praesidia di-

miserit'?( Cic. ad. Att. VII, 17. 2)

(Tu já deves saber que resposta Lúcio César levou de Pompeu, das cartas que ele mesmo tinha trazido de César. Foram de fato escritas e datadas de modo que se apresentassem ao público. Nisto eu mesmo acusei Pompeu, que, como bom escritor, deixasse nas mãos no nosso Sésio escrever tais coisas tão importantes. De fato, nunca li nada escrito tão ao estilo de Sésio. No entanto, pode se ler da carta de Pompeu que nada seria negado a César e que tudo que postulasse lhe seria dado. A isso, ele seria um completo descerebrado se não aceitasse. Principalmente aquilo que buscara de maneira tão despuorada. Quem de fato és tu para dizer “caso parta para Espanha, se depuser as tropas?”)

A troca de cartas não interrompe a mobilização na Itália e a escalada do conflito, demonstra, entretanto, as divergentes posições a cerca da legalidade dos atos, a intransigência de Pompeu em manter suas tropas e a qualificação persistente de César como criminoso a quem se estava fazendo concessões. Acompanhando as cartas, temos o desenrolar das ações, em carta do dia 5 de fevereiro:

breviloquentem iam me tempus ipsum facit. pacem enim desperavi, bellum nostri nullum administrant. cave enim putes quicquam esse minoris his consulibus; quorum ego spe audiendi aliquid et cognoscendi nostri apparatus maximo imbri Capuam veni pridie Nonas, ut eram iussus. illi autem nondum venerant sed erant venturi inanes, imparati. Gnaeus autem Luceriae dicebatur esse et adire cohortis legionum Appianarum non firmissimarum. (Cic. ad. Att. VII, 20. 1)

(Já o tempo me faz falar brevemente. De fato, não tenho esperanças da paz, os nossos não preparam nenhuma guerra. Evita de esperar qualquer coisa desses cônsules, embora eu na esperança de ouvir alguma coisa e conhecer as preparações dos nossos tenha vindo a Cápua sob terrível tempestade, no dia 4, como fora mandado. Eles, entretanto, não tinham chegado, mas chegaram sem armas, despreparados. Cneu, por outro lado, se diz estar em Lucéria e acrescentar algumas cortes à legião de Apiano.)

A situação se deteriorava rapidamente para os oponentes de César enquanto ele acumulava vitórias e recebia rendições no Piceno. Enquanto a fuga da Itália parece inescapável, Cícero continua suas queixas ao despreparo e falta de coragem dos defensores do Senado. Em carta de 8 de fevereiro ele se expressa assim:

pedem in Italia video nullum esse qui non in istius potestate sit. De Pompeio scio nihil eumque, nisi in navim se contulerit, exceptum iri puto. O celeritatem incredibilem! huius autem nostri — sed non possum sine dolore accusare eum de quo angor et crucior. (Cic. ad. Att. VII, 22. 1)

(Não vejo nenhum pé da Itália que não esteja sobre o poder dele. De Pompeu nada sei, além de que se recolheu ao navio, julgo que vá embora. Ó velocidade incrível. Ao nosso general, entretanto, não posso sem dor

acusá-lo daquilo que me angustia e tortura.)

Angústia e sofrimento são o estado que se constrói em Cícero no período crucial da Guerra Civil. Ainda que ele abasteça suas queixas com valores já desprezados pelos dois lados em conflito. Sua decepção parece ser mais com a decadência da *virtus* romana, entre aqueles que fugiram ou se renderam ao que ele chama de *tyrannus* (Cic. ad. Att. VII, 20. 2). Mais do que um diário das ações e decisões, as cartas de Cícero nos mostram os efeitos ideológicos do desmonte das instituições republicanas, operado tanto por Pompeu e depois por César.

**4. *velim mihi ignoscas quod ad te scribo tam multa totiens. acquiesco enim (quero que me perdoes por te escrever tanto e tão frequentemente, é que assim me aquieto)***

A crítica feita por Cícero a Pompeu por ter deixado Séstio escrever em seu nome a César nos mostra a importância de estudar as cartas desse tempo enquanto atos de linguagem. Ao homem de Estado cabe não apenas lutar bem, como escrever bem. Seguindo as teorias da análise do discurso sobre o ato de linguagem, podemos identificar nas cartas de Cícero contratos e estratégias de discurso. Cícero, repetidas vezes, se desculpa pela frequência e quantidade de cartas a Ático, explica então a necessidade dessas cartas, para que se mantenha informado, para que possa discutir seus pensamentos, para que, enfim, receba a opinião de quem possa confiar.

ea velim scribas ad me et quidem, quoniam mutabilia sunt, quam saepissime. acquiesco enim et scribens ad te et legens tua. (Cic. ad. Att. VII, 11. 5)

Quero que me escrevas sobre essas coisas, e como são mutáveis, o mais frequentemente possível. Assim me aquieto, escrevendo a ti e lendo tuas cartas.

interim velim mihi ignoscas quod ad te scribo tam multa totiens. acquiesco enim et tuas volo elicere litteras maximeque consilium quid agam aut quo me pacto geram. demittamne me penitus in causam? non de terrore periculo sed dirumpor dolore. (Cic. ad. Att. VII, 12. 3)

Enquanto isso, quero que me perdoes por te escrever tanto e tão frequentemente, é que assim me aquieto e quero tirar o máximo de cartas de você e conselhos sobre como agirei e que acordo devo firmar. Devo me entregar inteiramente à causa? Não temo o perigo, mas me despedaço de dor.

Vt ab urbe discessi, nullum adhuc intermisi diem quin aliquid ad te

litterarum darem, non quo haberem magno opere quod scriberem sed ut loquerer tecum absens; quo mihi, cum coram id non licet, nihil est iucundius. (Cic. ad. Att. VII, 15. 1)

(Como tenha saído da cidade, nenhum dia passou que eu não te escrevesse alguma carta, não que eu tivesse grandes trabalhos para te descrever, mas para conversar contigo ausente; o que para mim, visto que não o podemos cara-a-cara, é o mais prazeroso.)

quicquid huc erit a Pompeio adlatum, statim ad te scribam tuasque de istis rebus litteras exspectabo. (Cic. ad. Att. VII, 17. 5)

(O que quer que haja, vindo de Pompeu, imediatamente eu te escreverei e espero tuas cartas sobre os assuntos de onde estás.)

Esses são apenas algumas das muitas passagens, nas cartas de Cícero, que chamam atenção para o que Patrick Charaudeau (2014, p. 82) chama de comportamento alocutivo e comportamento elocutivo. Comportamentos alocutivos estabelecem uma relação de influência entre o locutor e seu interlocutor. Comportamentos elocutivos revelam o ponto de vista do locutor. Não prece difícil perceber como esses comportamentos integram o estilo dessas cartas de Cícero a Ático: trata-se de um momento de crise, em que a correspondência visa superar o necessário afastamento entre os dois, por isso Cícero insiste que escreve e escreverá muitas cartas e demanda, ao interlocutor, muitas cartas. Além da quantidade de correspondência temos também a perspectiva elocutória no conteúdo: é preciso relatar todos os acontecimentos e discutir as opiniões e decisões.

Considerando a carta como gênero textual, em que os modos alocutivo, elocutivo e delocutivo estariam muito presentes, não podemos deixar de lado as coerções da escrita e a relação que Cícero faz entre história e eloquência. Em primeiro lugar, veremos a relação estabelecida entre os três comportamentos enunciativos e em seguida a encenação discursiva que funda o gênero epistolar em Cícero.

Em relação à alocação, temos a intenção do locutor aparente em procedimentos de interrogação e pedido. Em geral, encontramos Cícero interrogando a si e a seu interlocutor. A repetição do verbo *quaeso* e seus sinônimos aparecem como reforço da situação que o locutor quer descrever: a incerteza. Seus questionamentos são de duas ordens:

- O que se passa? [qual é o contexto]
- O que devo fazer? [qual é a minha situação no contexto]

À medida que Cícero busca manter-se informado, temos a formação delocutiva do contexto por meio de asserções e relatos. O modo descritivo é então invocado, temos, em algumas respostas de Cícero, seu relato do que ouvira ou soubera por outras pessoas. Esse aspecto nos descreve a situação de Cícero diante do contexto: pouca capacidade de ação, pouco conhecimento e confiança nos cônsules e – o mais importante – preconceito em relação a César e decepção em relação a Pompeu. A apressada fuga de Cícero se dá no contexto do esvaziamento da Cidade, da difusão dos poderes republicanos e o levante militar promovido pela invasão de César à Itália.

Em relação ao comportamento elocutivo, o que sabemos do efeito dessas cartas em Cícero? *Aquiesco* é o verbo que ele repete, em oposição a *angor et crucior*. Entre esses polos temos um desfile de comportamentos elocutórios. Constatação, saber/ignorância, opinião, apreciação, obrigação, possibilidade e querer são alguns conceitos facilmente perceptíveis em suas cartas. Talvez tamanha revelação de si mesmo seja o que faz Carcopino dizer que a publicação de sua correspondência só fez mal à memória de Cícero.

Não podemos deixar de supor uma preocupação retórica na eloquente descrição de sua incerteza, sofrimento e estupor. As críticas que Cícero acumula a respeito de todos os que o cercam, definem de maneira veemente as contradições de sua situação: um defensor do *mos maiorum* no conflito entre tuas potestades preocupadas apenas com seu ganho pessoal. Essa caracterização, um tanto melancólica, do velho cônsul o coloca em paralelo com a própria Roma: Assim como Pompeu e César o abandonaram/ignoraram, o conflito e o levante armado entre os dois passa ao largo de Roma, que fica esvaziada, sem valor militar ou político. Intencionalmente ou não, Cícero, ao se descrever como figura deplorável resalta o estado das leis e costumes pelos quais ele se bateu por toda a vida. A queda da república em Roma representa o fracasso do projeto ciceroniano de *concordia ordinum* e do próprio projeto de república oligárquica, na aurora do militarismo cosmopolita. O momento da percepção de sua pequenez diante dos acontecimentos é narrado com perplexidade e descrença.

O projeto linguístico-literário de Cícero resistiu, entretanto, e sua satisfação em escrever e, principalmente, receber as cartas nos remete à sua noção de eloquência civilizadora. Se o projeto de Estado aristocrático sonhado por Cícero não se manifestou enquanto ele estivesse vivo, seu

legado cultural foi sustentado e expandido, desenvolvendo valores que se resumem em sua relação com sua correspondência. A satisfação de poder encontrar um interlocutor culto, com quem se possa estabelecer um contrato de comunicação no qual as palavras refletem o que vem à mente nos mostra um aspecto quase terapêutico da correspondência e reforça a noção de que a preocupação com o bem dizer e bem compreender é o que opõe os civilizados aos bárbaros.

### 5. *Considerações finais*

A vasta obra de Cícero é resultado de sua preocupação de fundamentar a literatura em latim, e principalmente, criar um paralelo com a literatura grega. O centro de sua atividade se encontrava não apenas na composição de discursos, mas também de manuais que discutiam e elevavam a função do orador, entendido como cidadão capaz para gerir a República. Seus valores conservadores na política e patriotas na língua são resultado de um contexto em que a elite romana se via no topo do processo civilizatório, em que o sucesso militar e a noção de progresso avançavam juntos. Durante sua carreira política, entretanto, as instituições republicanas foram aos poucos desmontadas, o que dava maiores recursos os militares contra a oligarquia agrária.

As cartas de Cícero, pelo seu caráter alocutivo e elocutivo, nos permitem acompanhar seus esforços de entendimento diante da grande guerra civil que veio a eliminar, primeiro politicamente depois fisicamente, a aristocracia da qual ele extraía seu respeito e seus valores. O conflito civil, rapidamente esvaziou os motivos e as demandas de uma elite que parecia tão desorientada e hesitante como o próprio Arpinate. Essas cartas nos trazem uma preciosíssima oportunidade de acompanhar um mestre da língua latina, se esforçando para fazer da língua sua ferramenta política e talvez até seu modo de viver. Por outro lado, podemos acompanhar o latim – por vezes o grego – se sofisticando para se tornar a narrativa de uma vivência tipicamente romana, num dos momentos mais complexos de sua história.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBOTT, Frank Frost. *Cicero: Selected Letters*. Boston: Ginn and Co. 1909.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ARISTÓTELES. *Arte poética e arte retórica*. Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

CARCOPINO, Jérôme. *Cicero: The Secrets of His Correspondence*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1951.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coord. e trad. de Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. 2. ed., 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.

CICERO. *Letters to Atticus*. With an english translation by E. O. Winstedt, M.A. of Magdalen College, Oxford. In three volumes. London: William Heinemann; New York: The Macmillan Co., 1913.

FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. 2. ed. Brasília: FAE, 1995.

GRANT, Michael. *Greek and Roman historians, information and misinformation*. London: Routledge, 1995.

LEVY, Carlos. De la palabra-acción a la palabra-imitación: itinerario retórico de Cicerón. *Revista de Estudios Sociales*, Bogotá: Universidade de los Andes, n. 44, p. 21-7, 2012. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/revestudsoc/7260>>. Acesso em: 09-10-2019.

MARTIN, René; GALLIARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Préface de Jacques Perret. Paris: Nathan, 1990.

*The Oxford Classical Dictionary*. Third edition, editated by Simon Hornblower and Anthony Spawforth. New York: Oxford University Press, 1999.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1986, vol. II

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. 2. ed. Porto: Porto, 1942.